

## HISTÓRIAS DE CHAPEUZINHO, QUASE SEMPRE VERMELHO

Regina Michelli (UERJ)<sup>1</sup>

**Resumo:** Dentre os vários contos escritos por Charles Perrault e pelos irmãos Grimm, o de Chapeuzinho Vermelho é responsável por propiciar releituras, no viés da intertextualidade, que apontam para a permanência da história no imaginário de seres humanos dos mais distintos tempos e lugares. O objetivo deste trabalho é elencar versões mais recentes à roda dessa história, centrando-se o foco em narrativas que primem por rever a configuração das personagens e a arquitetura narrativa.

**Palavras-chave:** Chapeuzinho Vermelho; contos da tradição; releituras contemporâneas

Chapeuzinho Vermelho foi meu primeiro amor. Sentia que se eu pudesse ter casado com Chapeuzinho Vermelho teria conhecido a perfeita bem-aventurança.

Charles Dickens

Quando pensamos na pós-modernidade (ou alta modernidade) deparamo-nos com uma ordem pós-tradicional, em que a dúvida se torna elemento distintivo e característica da razão crítica moderna. Fenômeno contraditório, marcado pela liquidez de estruturas, o pós-modernismo, na esteira de Hutcheon, “usa e abusa, instala e depois subverte, os próprios conceitos que desafia” (1991, p.19), emergindo a “presença do passado” (1991, p.20), não de um passado nostálgico, mas problematizado pela reflexão crítica.

O diálogo, nesse processo de reelaboração do passado, revitaliza tempos e textos no “entrecruzamento de vozes” (PAULINO, 1995, p.8), processo que permeia a intertextualidade, termo criado por Kristeva para difundir as ideias de Bakhtin: a intertextualidade remete à recuperação de um texto por outro, absorvido e transformado por este que lhe é posterior. Em sentido mais amplo, uma rede de relações subjaz a um texto literário, produto que se constrói explícita ou implicitamente na interface com outros textos que lhe são anteriores - próximos ou distantes -, bem como na relação com o contexto cultural, efetivando-se tanto na produção quanto na recepção ativa dos leitores que carecem de (re)construir as possíveis significações evocadas no texto.

A concepção de Kristeva de um texto como mosaico de citações é igualmente encontrada em Umberto Eco, para quem todo texto resgata textos anteriores, “os livros falam sempre de outros livros e toda história conta uma história já contada” (1985, p.

---

<sup>1</sup> Mestre e doutora em Literatura Portuguesa (UFRJ), desenvolve pesquisa na área de Literatura Infantil e Juvenil. Contato: reginamichelli@globo.com.


20). Sobre o conceito de intertextualidade, Tania Carvalhal alerta que a repetição de um texto nunca é inocente, antes carregada de intencionalidade: “quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto antecessor. A verdade é que a repetição, quando acontece, sacode a poeira do texto anterior, atualiza-o, renova-o e (por que não dizê-lo?) o re-inventa.” (2001, p.53-54).

A história de uma menina e seu chapeuzinho – ou capuz - vermelho parece ter encantamento sobremaneira diante de tantas outras que lhe são historicamente contemporâneas. O texto é frequentemente revisitado – parafraseado, parodiado -, constantemente reescrito. Novos discursos são produzidos à sua volta e nos levam a refletir sobre os sentidos e os lugares de representação dos textos fundadores, propiciadores de novas escrituras. Sobre a origem do conto, afirma-se

a antiguidade do tema, presente no mito grego de Cronos ou Saturno, na literatura latina: o deus do tempo engole os filhos logo ao nascerem, temendo ser destronado; Júpiter escapa, graças aos artifícios maternos, e posteriormente resgata os irmãos que saem do estômago do pai, enchendo-o de pedras, final semelhante ao encontrado na versão de *Chapeuzinho* dos irmãos Grimm. Citam ainda a existência da história latina *Fecunda ratis*, de Egberto de Lièges (1023), em que há a referência a uma menininha com uma manta vermelha, descoberta na companhia de lobos. (MICHELLI, 2006, p.1)

Um dos contos mais antigos de Chapeuzinho é o registrado por Charles Perrault, publicado na obra *Histórias ou contos do tempo passado, com moralidades*, em 1697. Os contos do escritor francês garantem o final feliz para as personagens principais exceto Chapeuzinho, que morre nas garras do lobo. A figura redentora do caçador aparece no texto dos irmãos Grimm, conto publicado em 1812 na obra *Contos de fadas para o lar e as crianças*. Nos Grimm, “Chapeuzinho Vermelho” apresenta a primeira história, em que a protagonista e a avó são salvas pelo caçador, mas, em seguida, há uma continuação em que as duas personagens, sozinhas, dão cabo do novo lobo.


Encontram-se referências a uma narrativa conhecida pelo título “A História da Avó”, acessível em *Contos de fadas* (TATAR, 2004, p. 334-335) e em *O grande massacre de gatos*, do historiador Robert Darnton (1986, p. 21-22), embora o desfecho seja diferente nas duas histórias: a menina burla o lobo na primeira, enquanto é devorada por ele na outra. A história apresenta uma personagem infantil que, ludibriada pelo lobo, come a carne da avó e bebe seu sangue. O livro *Chapeuzinho Vermelho – a verdadeira história*, de Antônio R. Almodóvar (2004), recupera parcialmente essa versão, publicada por Paul Delarue em 1951.



Reverberações das matrizes de Perrault e dos Grimm aparecem em traduções e adaptações brasileiras. Em *Contos da Carochinha* (1894), de Figueiredo Pimentel, temos “O Chapeuzinho Vermelho”. Monteiro Lobato (1882-1948) foi também responsável pela divulgação dos contos tradicionais em obras traduzidas e adaptadas por ele, como *Contos de fadas – por Perrault*, abertura com “A Capinha Vermelha”, e *Contos de Grimm*, com “A menina da Capinha Vermelha” também em primazia, além de *Novos Contos de Grimm*. Nos *Contos tradicionais do Brasil*, de 1946, recolhidos por Câmara Cascudo, há “O Chapelinho Vermelho”.

Voltemos nosso olhar especificamente à personagem. No estudo sobre esse elemento narrativo, Carlos Reis considera o conceito de figuração como “um processo ou um conjunto de processos constitutivos de entidades ficcionais de feição antropomórfica, conduzindo à individuação de personagens em universos específicos, com os quais essas personagens interagem” (2015, p.121-122). Para o crítico português, a figuração é dinâmica, gradual, complexa, implicando um trabalho de semiotização que se desdobra por todo o texto, pois a personagem, ocupando lugar de destaque na narrativa, constrói-se progressivamente na e pela narrativa. Na figuração ficcional, Reis chama a atenção para a transcodificação, termo relacionado a interpretações que se efetivam principalmente em outras linguagens, como iconográficas, cinematográficas, televisas, ou em outros suportes e plataformas, para outros públicos. A transcodificação implica a refiguração de personagens, que são projetadas “*para fora* da ficção literária” (2015, p.33), numa dinâmica que aciona a circulação entre o mundo dito real e o ficcional. Esse processo ocorre com “Chapeuzinho Vermelho”. Novas versões - tanto em prosa, como registradas em outras linguagens - respondem pela permanência da história no imaginário de seres humanos dos mais distintos lugares e tempos.

Em quadrinhos, há histórias escritas por Maurício de Souza, como Mônica em “Chapeuzinho Vermelho” (2000) e “Vestidinho Vermelho” (2009), enquanto Magali protagoniza o livro *Chapeuzinho Vermelho* (2008). Entre os livros de imagens, encontram-se o de Maurício Venezia, *Chapeuzinho Vermelho do jeito que o lobo contou*, 1999, e o de Rui de Oliveira, *Chapeuzinho Vermelho e outros contos por imagens*, 2002. Ilustrações ao tema podem ser pesquisadas na tese de Daniela Bunn, disponível *online* (<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95690>),



Uma obra interessante é a da ilustradora sueca Warja Lavater, que recontou, sob a forma de livro-objeto, seis contos de Perrault, dentre eles *Le Petit Chaperon Rouge*, 1965, também publicados individualmente. O livro se oferece como uma sanfona ou um livro japonês em zig-zag que se vai desdobrando e abrindo ao olhar, leitura que se dá pelo convite a decifrar os símbolos previamente convencionados nas legendas.

Nas artes plásticas, Chapeuzinho também comparece. A título de ilustração, Francisco Brennand - ceramista, escultor, desenhista, ilustrador, dentre outras atividades - dedica trabalhos à personagem desde 1995, compondo a famosa série com quarenta pinturas relacionadas ao tema, onde se encontram figuras femininas com chapéus vermelhos insinuando-se para um lobo mau.

Na música, podemos exemplificar com as “Cantigas de Chapeuzinho Vermelho”, de João de Barro (Braguinha) – “Pela estrada” e “Lobo mau” (ambas das décadas 50/60) – e “Lobo bobo”, de Carlos Lyra e Ronaldo Bôscoli (1959).

Em poesia, “Seu Lobo”, de Sérgio Capparelli (*Minha sombra*, 2001), recria o diálogo de Chapeuzinho com o Lobo, que pede à menina, devido a tantas perguntas, para deixar de ser enjoada. Em “Chapeuzinho Vermelho e o Lobo” e “Os três porquinhos”, de *Historinhas em versos perversos*, de Roald Dahl, 1982, Chapeuzinho é uma personagem traiçoeira. Mantendo o tom erótico característico de Hilda Hilst, há o poema “A Chapéu” (*Bufólicas*), de 1992. Em cordel, encontram-se *Chapeuzinho vermelho*, de Daniel Fiuza, 05/09/2002, o *Cordel da Chapéu*, por Aryane Cararo, 2010, e *A peleja de Chapeuzinho Vermelho com o Lobo Mau*, de Arievaldo Viana, 2011.

Escrito para teatro, o texto “Filme Noir, O Chapeuzinho Verde”, de Jô Soares, foi publicado na *Revista Veja*, em 9 de junho 1993. Em filmes e séries televisivas, encontram-se *A Companhia dos lobos* (1984), *Freeway: sem saída* (1997), *Chapeuzinho no século XXI* (2004), *Deu a louca na Chapeuzinho* (2005), *Red Riding Hood* (2006), *Chapeuzinho Vermelho do inferno* (2010), *Deu a louca na Chapeuzinho 2* (2011), *A garota da capa vermelha* (2011). Há também versões disponíveis em meio virtual, como “Chapeuzinho Azul” (2011), do grupo Quintal da Cultura, e a narrativa digital de Angela Lago, *A Interminável Chapeuzinho* (ou *la Interminable*).

Muitas são igualmente as narrativas – fábulas, contos, novelas, romances - em que emerge texto verbal. Algumas mantêm-se mais ou menos fiel à estrutura das histórias consideradas fundadoras dessa tradição, as escritas por Perrault e pelos irmãos Grimm.


Outras, porém, configuram-se por um dialogismo instaurador de novos sentidos, tendendo à paródia intertextual. O foco modelador pode-se encontrar tanto na arquitetura narrativa, quanto na configuração das personagens, revendo-se os paradigmas ideológicos da tradição e ressignificando o gênero. Num breve levantamento de novas narrativas - em que omitimos, por questões de economia de texto, dados de editora, ilustrador e tradutor -, podemos citar: 1) *Os três porquinhos pobres*, de Érico Veríssimo, 1936; 2) a série de fábulas de Millôr Fernandes sobre “Chapeuzinho Vermelho”: de 1949, “O Espírito Sobrenadará”, “Tragédia de Paixão”, “Chapeuzinho será mesmo Vermelho?”, “Renovação do Maravilhoso”; de 1998, “O que tivesse de ser, somente sendo”; 3) *Fita verde no cabelo, nova velha história*, de Guimarães Rosa, 1964; 4) “Chapeuzinho Vermelho” (*O vampiro de Curitiba*), de Dalton Trevisan, 1965; 5) *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque, 1970; 6) *Chapeuzinho Vermelho de raiva*, de Mário Prata, 1970; 7) “Na companhia dos lobos” (*O quarto de Barba Azul*), de Angela Carter, 1979, com filme homônimo de Neil Jordan; 8) “História mal contada” (*Contos Plausíveis*), de Carlos Drummond de Andrade, 1985; 9) *O fantástico mistério de Feiurinha*, de Pedro Bandeira, 1986, adaptado para o cinema em 2009 (*Xuxa em O mistério de Feiurinha*); 10) *Chapeuzinho Vermelho: estória e desistória*, de Lólio de Oliveira, 1987; 11) *Chapeuzinho de Palha*, de Fernando Miranda, 1987; 12) “Boné Vermelho” (*Um jeito vesgo de ser*), de Alciene Ribeiro Leite, 1988; 13) *Chapeuzinho e o Lobo Mau*, de Pedro Bandeira, 1990; 14) *As sobrinhas da Bruxa Onilda e Chapeuzinho Vermelho*, de M Company e R Capdevila, 1990; 15) “Chapéu Vermelho II – as bocas do lobo”, de Orlando de Miranda (*Sete faces do conto de fadas*, org. Márcia Kupstas), 1993; 16) *Chapeuzinho e o Lobo-guará*, de Angelo Machado, 1993; 17) “Chapeuzinho Vermelho” (*Contos de fadas politicamente corretos*), de James Finn Garner, 1994; 18) *O gatinho Nicolau, Chapeuzinho Vermelho e o Lobo*, de Aurélio de Oliveira, 1995; 19) “Hoz malepon viuh echer ou o caçador” (*Que história é essa?*), de Flávio de Souza, 1995; 20) *Fadas que não estão nos contos – uma confusão de contos clássicos*, de Kátia Canton, 1997; 21) “A menina do shortinho vermelho” (*O patinho realmente feio e outras histórias malucas*), de Jon Scieszka, 1997; 22) *Chapeuzinho Vermelho em Manhattan*, de Carmen Martín Gaité, 2001 (Martins Fontes); 23) *Os três chapeuzinhos vermelhos*, de Jonas Ribeiro, 2002; 24) *Uma história atrapalhada*, de Gianni Rodari, 2003; 25) *Chapeuzinho vermelho ficou*

*grande*, de Nilce Ferreira, 2003; 26) “Chapeuzinho Vermelho” (*Caindo na real*), de Rubem Alves, 2004; 27) *Chapeuzinho Vermelho - a verdadeira história*, de Antônio Rodrigues Almodóvar, 2004; 28) *O lobo, os três pilantrinhas e a boba de chapeuzinho*, Sheila Alves, 2004; 29) *Chapeuzinho Vermelho – uma história borbulhante*, Lynn Roberts, 2005; 30) *Chapeuzinho Adormecida no País das Maravilhas*, de Flávio de Souza, 2005; 31) *O capuchinho Cinzento, quando Capuchinho Vermelho envelheceu...*, de Matilde Rosa Araújo, 2005; 32) *Chapeuzinho de palha e o primeiro livro*, Sandra Aymone, 2005; 33) *Chapeuzinho Vermelho e o arco-íris – uma história sem lobo*, Marcia Muraco Schobesberger, 2006; 34) *Nove Chapeuzinhos*, de Flavio de Souza, 2007; 35) *A verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho*, de Agnese Baruzzi, 2007; 36) *O filho da bruxa*, de Michael Gruber, 2007; 37) *História de lobo*, Tatiana Belinky, 2008; 38) “Chapeuzinho Vermelho (versão politicamente correta)”, de Mario Corso, Diana Corso e Lister Parreira Duarte, 2008; 39) *Uma Chapeuzinho Vermelho*, de Marjolaine Leray, 2009; 40) *Chapeuzinho redondo*, de Geoffroy de Pennart, 2010; 41) *Mamãe é um lobo!*, de Ilan Brenman, 2010. 42) “Antecedentes de uma famosa história” (*Não era uma vez... contos clássicos recontados*), de Carolina Alonso, 2010. 43) *Chapeuzinhos coloridos*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta; 2010; 44) *A garota da capa vermelha*, de Sarah Blakley-Cartwright e David Leslie Johnson, 2011; 45) *Chapeuzinho e a preservação do bosque*, de Naira gomes dos Santos, 2011; 46) “O lobo mau” e “A mãe de Chapeuzinho Vermelho” (*Era outra vez*), de Livia Garcia-Roza, 2013; 47) *A outra história de Chapeuzinho Vermelho*, de Jean-Claude R. Alphen, 2016; 48) “Little Red Riding Hood (has a gun)”, Amelia Hamilton, 2016.

Uma curiosidade: a obra *Chapeuzinho Esfarrapado e outros contos feministas do folclore mundial*, organizado Ethel Johnston Phelps, de 2016, traz um conto intitulado “Chapeuzinho Esfarrapado” (“Tatterhood”, no original) que, no entanto, não se configura uma releitura aos contos de Chapeuzinho Vermelho.

Considerando-se as releituras aqui citadas impressas - não se contabilizando filmes, vídeos, esculturas, pinturas -, escritas ou traduzidas para língua portuguesa, observa-se um quantitativo crescente e, ainda que isso não garanta a qualidade estética dessa produção, ilustra o interesse em torno do conto “Chapeuzinho Vermelho”: até a década de 80, 15 obras; de 1900 a 1999, 12; de 2000 a 2009, 24; de 2010 a 2016, 10.






Retornando a Carlos Reis, observa-se a capacidade de sobrevivência da personagem ao transcender o mundo ficcional em que surgira. Interroga-se o crítico: “o que fica das personagens quando encerramos a leitura da narrativa? E qual o modo ou os modos de ser desse *resto* que conservamos? Têm as personagens vida para além dos limites (limites artificiais e porosos, é certo) do universo ficcional?” (REIS, 2015, p.119). As personagens de ficção deslizam de um texto a outro, transitando por espaços e tempos diferentes daqueles que as engendraram, de modos bastante diferenciados.

Chapeuzinho move-se para novas narrativas, modifica-se, arrastando personagens de suas histórias da tradição, a que também se achegam outras tantas. Na esteira de Paul Zumthor (1993), observa-se que novas obras atualizam o dado tradicional, estabelecendo a intervocalidade e a intertextualidade: tem-se a noção de que cada texto constitui uma tessitura urdida por um conjunto de vozes e notas diversas, caracterizando o discurso literário como essencialmente dialógico e polifônico. Nas releituras de Chapeuzinho, alguns dados remetem às histórias da tradição e respondem pela intertextualidade, como a permanência de personagens, além de núcleos narrativos, por exemplo, os diálogos da menina com o lobo na floresta e na casa da avó. O tratamento dado por cada escritor à apropriação que realiza do texto matriz transita por diferentes processos intertextuais, como a simples remissão a um elemento da história, o recurso à paráfrase até a criação de um texto que refigura, em outro nível de significação, o que lhe é anterior, estabelecendo, por vezes, uma paródia intertextual.

Lembrando a estratégia de produção de texto nomeada por Gianni Rodari de “salada de fábulas” (1982, p.58), existem obras em que Chapeuzinho Vermelho aparece na trama em meio a personagens de outros contos. Capinha Vermelha participa das aventuras com a turminha do sítio em *Reinações de Narizinho* (1931) e *O Picapau Amarelo* (1939), de Monteiro Lobato. Processo semelhante ocorre em outras narrativas, como *Fadas que não estão nos contos – uma confusão de contos clássicos*; *Chapeuzinho Adormecida no País das Maravilhas* e *O fantástico mistério de Feiurinha*.

A narrativa de Gianni Rodari, *Uma história atrapalhada*, exemplifica outra estratégia apresentada por ele: o erro criativo. Com nuances de muito humor, o avô conta a história de Chapeuzinho, mas erra a cor do chapéu, o animal, o objetivo de a menina sair de casa, sendo corrigido pela neta; ao final, revela-se o móvel dessa atitude.




Há narrativas em que as personagens dos contos da tradição são relidas em suas configurações, estabelecendo-se padrões mais condizentes, cultural e ideologicamente, com tempos outros. Chapeuzinho, por exemplo, abdica de uma postura passiva em muitos contos, ora questionando as ordens maternas, por vezes só em sua consciência, ora enfrentando o lobo, vencido por ela. Nesse viés, temos *Chapeuzinho de Palha*, personagem determinada que afugenta o lobo com a ajuda de animais. Na versão de *Chapeuzinho Vermelho – uma história borbulhante*, a personagem principal tem nome, Tomás, é um menino, apelidado de Chapeuzinho Vermelho; a história segue os protocolos do conto e, ao final, afiança a concórdia entre o lobo e o menino.

*Uma Chapeuzinho Vermelho*, de Marjolaine Leray, causa impacto pelas ilustrações com predomínio das cores vermelho, preto e cinza: Chapeuzinho parece um passarinho nas mãos do terrível lobo. Apesar de subjugada pelo animal, vence-o com uma simples bala aparentemente envenenada. Nesta obra, em *Chapeuzinho Amarelo* (focalizado por nós em 2006) e “A menina do shortinho vermelho”, o lobo é depreciado pelas protagonistas, considerado, respectivamente, tolinho, bolo de lobo fofo medroso, lento. Já a Chapeuzinho “pistoleira” da obra *Historinhas em versos perversos*, de Roald Dahl, mata o lobo com uma pistola e, chamada pelos três porquinhos a enfrentar o lobo da história deles, ela não só obtém mais um casaco de pele de lobão, como passa a portar uma bolsa de couro de porquinho. Igualmente armada é Chapeuzinho, bem como sua avó, na versão publicada pela autora Amelia Hamilton, em parceria com a NRA (National Rifle Association) Family, organização norte-americana defensora do uso de armas, em cujo site se encontra a história. O conto encerra-se celebrando a felicidade advinda da certeza de avó e neta serem capazes de se defender. Carlos Reis (2016) assinala que o conto foi reajustado e suas personagens refiguradas, dedicando-lhe comentário algo irônico; adverte, em outro texto (2015, p.37), que a refiguração de personagens é orientada por propósitos de ordem ética, moral e ideológica.

De estirpe perversa, é a Chapeuzinho de “Antecedentes de uma famosa história”. Como uma cilada, marca um encontro no bosque com um colega de escola apaixonado por ela, mas comparece com amigos e desdenha, publicamente, a admiração que lhe devota o ingênuo rapaz. Semanas depois, ele sofre uma metamorfose: sente uma força furiosa e faminta dominar-lhe, e uma couraça de pelo duro, negro, proteger seu corpo.






Percebe Chapeuzinho caminhando para a casa da avó e segue em direção a ela. Assim o conto termina, apresentando os “antecedentes” ao encontro do lobo com Chapeuzinho.

Há livros em que a figura do lobo é subvertida em sua ferocidade, uma espécie de “fábulas ao contrário” de Rodari, com a “reviravolta do tema fabulístico”: “Chapeuzinho Vermelho é má e o lobo é bom...” (1982, p.55). Em *A outra história de Chapeuzinho Vermelho*, com ilustrações marcantes em vermelho e preto, a menina lê a história de Chapeuzinho para o lobo, que não gosta do final, rechaçando a ideia de devorar vovozinhas e acreditando num final feliz para todos. Em sintonia com o título, a história sugere a ressignificação da figura do lobo. O mesmo ocorre em *Chapeuzinho e o Lobo-guará*: o lobo é vegetariano e incapaz de fazer maldades. Em *A verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho*, de Baruzzi, o lobo também deseja ser bom, obtém o que deseja com a ajuda de Chapeuzinho, mas, advindo-lhe a fama, a menina, com ciúmes, prepara-lhe uma cilada: oferece-lhe um sanduíche com salsicha e a ingestão da carne acorda os instintos adormecidos do lobo.

Em *Fita verde no cabelo, nova velha história*, o lobo não mais existe, substituído por outro vilão: a obra problematiza o encontro da menina com a avó, à beira da morte (MICHELLI, 2006a). Aproxima-se, tematicamente, do conto de Guimarães Rosa a narrativa *O Capuchinho Cinzento, quando Capuchinho Vermelho envelheceu...*, da escritora portuguesa Matilde Rosa Araújo, embora aqui haja um lobo que docemente lambe as mãos da personagem idosa, que lhe sorri, em meio às suas reflexões. Em outras obras, porém, apresenta-se uma avó dinâmica e bela, sobre quem recai a escolha do “lobo”, como se vê em *Chapeuzinho Vermelho em Manhattan* e no conto de Rubem Alves. Por seu turno, também há narrativas que resgatam o erotismo insinuado nas histórias tradicionais, exibindo uma Chapeuzinho sedutora, como a de Angela Carter:

O homem-lobo cede à paixão, dobra-se a alguém que se configura mais forte que ele. É ela que se despe - re-atualizando o *striptease* de “A História de Avó” - e quem o despe. De mero juguete nas mãos do devorador, é ela quem o devora – de objeto a sujeito, ela o apazigua.. (SANTANA; MICHELLI, 2008, p.14)

Gianni Rodari sugere ainda a produção de textos com “chave obrigatória” (1982, p.72-73), que pode ser de tempo e lugar. Várias narrativas situam-se nessa tipologia, ora com um humor mais cáustico, ora assinalando as falências da sociedade contemporânea: “Chapeuzinho Vermelho”, em *O vampiro de Curitiba*; *Chapeuzinho Vermelho de raiva*; “Boné Vermelho”; *Chapeuzinho Vermelho em Manhattan*; “Antecedentes de uma




famosa história”; “Chapéu Vermelho II – as bocas do lobo”, situando-se a história na cidade de São Paulo; “Chapeuzinho Vermelho”, em *Contos de fadas politicamente corretos*. Esses dois últimos textos surpreendem pelo insólito da situação: no primeiro, a morte do lobo gera complicações para Chapeuzinho e o lenhador, que é preso; no segundo, morto o lenhador, avó, lobo e menina estabelecem uma convivência pacífica. O livro *Nove Chapeuzinhos* representa cabalmente a estratégia de Rodari, ambientando os contos em espaços e tempos que se desdobram desde o período Cretáceo, em que Chapeuzinho é um dinossauro, passando por lugares como Índia, Grécia, Inglaterra, Brasil (Minas Gerais), ao longo de vários momentos históricos da humanidade, até chegar ao ano de 3006, em pleno espaço sideral.

Queremos abordar, por último, estratégias de recuperação explícita do enredo tradicional na arquitetura narrativa da nova história, o que pode ser visto em *O gatinho Nicolau*, *Chapeuzinho Vermelho e o Lobo* e *Chapeuzinho Vermelho: estória e desestória*. Na primeira obra, o conto “Chapeuzinho Vermelho” - intratexto reproduzido no livro com formato visual distinto – é lido pela mãe para o filho, mas Nicolau a interrompe e questiona fatos que considera inadmissíveis à sua recepção, rompendo o pacto ficcional; ao final, ele cria a sua própria história. A segunda já sugere, pelo título, uma desconstrução da “estória” consagrada, o que se verifica em vários níveis, como a configuração das personagens, a trama entretecendo diferentes gêneros textuais, tendendo ao policial, o desfecho enigmático. Nessas, e em algumas outras narrativas, a história é problematizada, refletindo a consciência teórica sobre ficção enquanto ficção (HUTCHEON, 1991, p.200), contestando as noções ingênuas de representação.

À guisa de considerações finais, reportamo-nos a Carlos Reis e ao conceito de “*vida da obra*”, em que o crítico retoma as palavras de Roman Ingarden:

1.A obra literária ‘vive’ na medida em que atinge a sua *expressão numa multiplicidade de concretizações*. 2.A obra literária ‘vive’ na medida em que *sofre transformações em consequência de circunstâncias sempre novas estruturadas convenientemente por sujeitos conscientes*. (INGARDEN, *A obra de arte literária*, 1973, p.380. *Apud* REIS, 2015, p.54)

“Chapeuzinho Vermelho” atende as duas proposições, garantindo a sobrevida da história e a vitalidade da personagem. Mas que substrato existe nas narrativas da tradição responsável pela travessia da história por tempos e espaços? Em linhas gerais, percebe-se: a viagem iniciática de Chapeuzinho pelos bosques da vida e da morte, da



infância e da maturidade, da descoberta do “lobo”; as escolhas a serem feitas, perpassando os princípios freudianos do prazer e da realidade; a atenção à intuição, à curiosidade e à experiência como formas de aprendizagem e aquisição de sabedoria.

Por seu turno, as releituras, esteticamente bem realizadas, ampliam o valor literário das obras do passado ao inseri-las em novos contextos, suportes e cenários de recepção. Alguns núcleos temáticos são revisitados, às vezes subvertidos, configurando-se díades como inocência/malícia da protagonista, ferocidade/bondade do lobo, fragilidade/vigor da avó, apagamento/atuação da mãe, heroicidade/desumanidade do caçador. Relativizam-se as configurações do protagonismo nas questões de gênero (ver, por exemplo, “Boné Vermelho”; “Bonezinho Vermelho” em *Nove Chapeuzinhos; Chapeuzinho Vermelho – uma história borbulhante*) e raça (a *Chapeuzinho Adormecida no País das Maravilhas é negra*), além de despontarem diferentes possibilidades de desfecho nas narrativas. De qualquer forma, Chapeuzinho, Chapéu, Boné, Fita, Shortinho, Capa, Elmo, Sári, Manto, Pena, Capuchinho, Lencinho, Bonezinho, Capacetinho, Gorrinho, vermelho, amarelo, verde, azul, redondo, colorido, de palha, cinzento, personagem com nome ou apelido..., ligando as narrativas, há um fio cujas extremidades parecem, uma, se perder no passado longínquo e, outra, projetar-se no futuro incerto, longo fio a evidenciar a permanência de Chapeuzinho Vermelho na História da humanidade como uma “história mal contada” a ser continuamente reescrita.

#### **Referências:**

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 2001.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

PAULINO, Graça et alii. *Intertextualidades: Teoria e Prática*. Belo Horizonte: Lê, 1995.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

MICHELLI, Regina Silva. “A Viagem em Chapeuzinho Vermelho: articulação de discursos e representações na literatura infanto-juvenil”. In: JOBIM, José Luís *et al.* *Lugares dos discursos*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2006, p.1-13. Disponível em: : <<http://www.abralic.org.br/eventos/>>, “X Congresso 2006.part4”, grupo “Os sentidos dos discursos e os lugares das representações”.

MICHELLI, Regina. “Viagens à roda de Chapeuzinho Vermelho: Guimarães Rosa e Chico Buarque”. *CaSePEL*, Rio de Janeiro, nº1, p. 67-82, jun.2006a. Acesso 2 ab.2017. Disponível em: <[http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos\\_casepel/casepel01.pdf](http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_casepel/casepel01.pdf)>

REIS, Carlos. *Pessoas de livro: estudos sobre a personagem*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2015.

\_\_\_\_\_. “O Capuchinho Vermelho Defende-se” (1 e 2). *Figuras da ficção*, maio 2016. Acesso em 20 de junho de 2016. Disponível em: <https://figurasdaficcao.wordpress.com/?s=O+Capuchinho+Vermelho+Defende-se>

RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. São Paulo: Summus, 1982.

SANTANA, Fernanda Getirana e MICHELLI, Regina Silva. “A marca do insólito e da violência em “A História da Avó”, “Chapeuzinho Vermelho” e “A Companhia dos Lobos””. In: GARCIA, Flavio; PINTO, Marcello de Oliveira; MICHELLI, Regina (org.). *Comunicações Coordenadas (Texto Integral) - IV Painel "Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional" tensões entre o sólito e o insólito*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2008, p.1-11. Acesso em 30 de maio 2016. Disponível em: <http://www.dialogarts.uerj.br>.

TATAR, Maria. Edição, introdução e notas. In: *Contos de fadas: edição comentada e ilustrada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. Tradução Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.